



## Boletim de Conjuntura Econômica

Boletim n.72, Abril, 2018

### Hugo Agudelo Murillo

*Professor da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e coordenador da equipe do Setor Externo e Comércio Exterior do projeto de extensão “Conjuntura econômica brasileira – divulgação de análises”.*

*hamurillo@uem.br*

### André de Souza do Nascimento \*

[andresounas@gmail.com](mailto:andresounas@gmail.com)

### Daniel B. Pozza\*

[danielpozza123@gmail.com](mailto:danielpozza123@gmail.com)

### Fabio Barros \*

[fabio.gpconnect@gmail.com](mailto:fabio.gpconnect@gmail.com)

### Moisés Martins\*

[moisesmartinsup@gmail.com](mailto:moisesmartinsup@gmail.com)

### Simone Ferreira de Matos\*

[simones\\_dede@hotmail.com](mailto:simones_dede@hotmail.com)

\*Acadêmicos do curso de ciências econômicas da Universidade Estadual de Maringá – UEM e participantes da equipe de Setor Externo e Comércio Exterior do projeto Conjuntura Econômica Brasileira: Divulgação de Análises.

Universidade Estadual de Maringá -  
UEM  
Correspondência/Contato

Av. Colombo, 5.790 – Bloco: C-34 – Sala 11  
Jd. Universitário - Maringá - Paraná - Brasil  
CEP 87020-900

## Análise Anual 2017

### RESUMO

Avaliar o comportamento do setor externo é fundamental para entender a dinâmica do crescimento de economias em desenvolvimento, ancoradas basicamente no desempenho do seu setor exportador e na captação de poupança externa. A maior inserção externa da economia brasileira decorrente do processo de globalização e dos programas de ajuste estrutural iniciados na década de noventa, permitiram reduzir a restrição ao crescimento determinados pela vulnerabilidade externa, ao mesmo tempo em que aumentava o grau de exposição ao contágio externo.

**Palavras-chave:** Balanço de pagamentos; taxa de câmbio; Mercosul; reservas, parceiros comerciais.

### ABSTRACT

To evaluate the behavior of the external sector is fundamental to understanding the dynamics of the growth of developing economies, anchored essentially on the performance of its export sector and attracting foreign savings. Most external insertion of the Brazilian economy due to the process of globalization and structural adjustment programs started in the nineties, have reduced growth restriction determined by external vulnerability, while it increased the degree of exposure to external contagion.

**Keywords:** Balance of payments; exchange rate; Mercosul; official reserves Brazil's commercial partners.

## 3.1 BALANÇO DE PAGAMENTOS

## 3.1.1 Transações Correntes

O déficit das transações correntes vem diminuindo desde 2014, quando era de US\$ 104,2 bilhões, atingindo US\$ 9,8 bilhões em 2017.

O superávit da balança comercial em 2017 foi o maior em 29 anos, o resultado disso foi do aumento da quantidade de produtos exportados de 7,6%, comparado ao ano anterior, mas também principalmente da elevação dos preços dos produtos brasileiros, que foi de 10,1%, comparando janeiro a novembro dos dois anos.

As exportações de produtos básicos apresentaram o maior crescimento em relação a 2016, de 27,67%, acompanhadas das elevações de 12,41% e 8,57% de exportações de semimanufaturados e manufaturados, respectivamente.

Outros destaques da pauta exportadora foram os embarques de petróleo em bruto, minério de ferro, café em grão, carne bovina e soja em grão, além de laminados de ferro ou aço, torneiras e válvulas, aviões, motores e geradores elétricos.

Tabela 3.1 – Transações correntes 2017/ 2016 (US\$ milhões)

| Discriminação                       | 2017      | 2016      | Variac<br>ão (%) |
|-------------------------------------|-----------|-----------|------------------|
| <b>Balança Comercial (FOB)</b>      | 64 028    | 45036,96  | 42,17            |
| Exportações                         | 217 243   | 184452,90 | 17,78            |
| Importações                         | 153 215   | 139415,94 | 9,90             |
| <b>Serviços e Rendas</b>            | -76422,01 | -71527,07 | 6,84             |
| <b>Serviços</b>                     | -33 850   | -30 447   | 11,18            |
| Aluquiel de Equipamentos            | -16 838   | -19505,60 | -13,68           |
| Serviços de propriedade intelectual | -4 975    | -3 731    | 33,37            |
| Transporte                          | -4 570    | -4 490    | 1,77             |
| Viagens Internacionais              | -13 192   | -8 473    | 55,70            |
| <b>Renda Primária</b>               | -42 572   | -41 080   | 3,63             |
| Juros                               | -21823,51 | -21937,33 | -0,52            |
| Lucros e Dividendos                 | -21032,21 | -19433,45 | 8,23             |
| <b>Renda secundária</b>             | 2 632     | 2 944     | -10,60           |
| <b>Transações Correntes</b>         | -9761,59  | -23545,85 | -58,54           |

Fonte: Banco Central do Brasil – elaboração própria.

Do lado das importações, a compra de óleos combustíveis dos Estados Unidos cresceu US\$ 2,32 bilhões, uma variação de 107,42% comparando com 2016.

O setor de serviços sofreu uma elevação no seu déficit de 11,18% entre 2016 e 2017, acompanhado da conta de renda primária aumentou seu déficit em 3,63%.

O déficit da conta de serviços havia diminuído 36,70% entre 2016 e 2017. Porém, em 2017, esta conta elevou novamente seu déficit,

O déficit da renda primária aumenta de US\$ 41,1 bilhões em 2016 para US\$ 42,6 bilhões em 2017. A renda secundária diminuiu de US\$ 2,94 bilhões, para US\$ 2,6 bilhões em 2017.

Os principais parceiros comerciais do Brasil em 2016 e 2017 foram China, Estados Unidos e Argentina. Os três juntos representaram, em 2017, 42,24% do total das exportações e 40,86% das importações. A participação nas importações era de três pontos percentuais a mais em 2016 do que em 2017, enquanto que nas exportações representavam 38,71% do total.

As importações com a China cresceram US\$ 3,96 bilhões, composta por diversos produtos manufaturados com realce para os aparelhos transmissores e receptores. Em ambas as exportações e importações, foram comercializadas menos bens de consumo e bens de capital em 2017, em relação ao total, se comparando com 2016.

Em 2017 o balanço de pagamentos do Brasil teve simultaneamente redução tanto do déficit em conta corrente quanto do superávit da conta capital e financeira, quando comparado com 2016. O déficit na conta corrente caiu de US\$ 23,5 bilhões para US\$ 9,8 bilhões entre os dois anos, uma redução de 58,5% explicado pelo excelente desempenho da balança comercial.

## 3.1.2 Conta Capital e Financeira

A conta capital e financeira passou de US\$ 16,1 bilhões em 2016 para US\$ 5,7 bilhões em 2017, uma queda de 64,3%. A conta capital teve um aumento de 38,5% no período analisado passando de US\$ 273,7 milhões para US\$ 379,3 milhões em 2017. A conta financeira teve uma redução de 62,6% no período analisado, encerrando o ano com um saldo de US\$ 6,1 bilhões

Um aspecto positivo é a relativa manutenção do saldo líquido de investimentos diretos, entre US\$ 65 bilhões e US\$ 64 bilhões nos dois anos com uma pequena queda de 2,1%. Contudo, tanto os investimentos em carteira quanto os outros investimentos tiveram fortes reduções em 2017.

O fluxo de investimentos diretos permaneceu relativamente constante, passando de US\$ 65,4 bilhões em 2016 para US\$ 64,1 bilhões em 2017. Entretanto, essa estabilidade resulta de dois movimentos antagônicos. De um lado, os investimentos diretos no exterior (ativos) caíram 51,1% nesse período, basicamente devido a operações de participação no capital. Por outro lado, os investimentos diretos no país (passivos) passaram de US\$ 78,2 bilhões em 2016 para US\$ 70,3 bilhões em 2017, uma queda de 10%.

A saída de investimentos em carteira (ativos) aumentou em 2017 na comparação com 2016, passando de US\$ -0,6 bilhão para US\$ 12,3 bilhões, resultado do aumento nas operações de fundos de investimentos e em títulos de renda fixa. Os ingressos líquidos em carteira no país (passivos) reduziram de

US\$ 19,8 bilhões em 2016 para US\$ 1,1 bilhão, decorrentes da redução das operações de renda fixa, compras de ações e fundos de investimentos.

Os outros investimentos sofreram grande redução em 2017 na comparação com o ano anterior. As operações ativas (investimentos no exterior) aumentaram de US\$ 21,5 bilhões para US\$ 38,6 bilhões, basicamente em decorrência de operações de créditos comerciais e adiantamentos.

Por outro lado, as operações passivas (investimentos no país) decresceram de US\$ 11,9 bilhões para US\$ 6,1 bilhões, resultado tanto de operações de moeda e depósitos como de créditos comerciais e adiantamentos.

**Tabela 3.2 – Conta capital e financeira 2017/2016**

| Discriminação                     | (US\$ milhões) |           |              |
|-----------------------------------|----------------|-----------|--------------|
|                                   | 2017           | 2016      | Variação (%) |
| Conta Capital e Financeira        | -5751          | -16141,07 | -64,37       |
| Capital                           | 379,37         | 273,77    | 38,57        |
| Financeira                        | -6130,95       | -16414    | -62,65       |
| Investimento Direto Líquido       | -64063         | -65432    | -2,09        |
| Investimento brasileiro direto    | 6268,38        | 12 816    | -51,09       |
| Participação no capital           | 6154           | 13 041    | -52,81       |
| Empréstimo intercompanhia         | 113,78         | - 225     | -150,51      |
| Investimento estrangeiro direto   | 70332          | 78 248    | -10,12       |
| Participação no capital           | 59137          | 54 102    | 9,31         |
| Empréstimo intercompanhia         | 11194          | 24 146    | -53,64       |
| Investimento em Carteira          | 13445          | 19 216    | -30,03       |
| Investimentos Brasileiros         | 12370          | - 599     | -2166        |
| Ações de comp. Estrang.           | 481            | - 708     | -167,96      |
| Fundos de invest– ativos          | 9521           | 15        | 63228,2      |
| Títulos de renda fixa             | 2368           | 94        | 2407,04      |
| Investimentos Estrangeiros        | -1074          | -19 815   | -94,58       |
| Ações de comp. Bras.              | 2962           | 6 341     | -53,27       |
| Fundos de invest– passivos        | 2710           | 4 245     | -36,14       |
| Títulos de renda fixa             | -6748          | -30 401   | -77,80       |
| Outros Investimentos <sup>1</sup> | 705            | - 969     | -172,79      |
| Outros Investimentos brasileiros  | 38689          | 21 532    | 79,68        |
| Outros Investimentos estrangeiros | 6 134          | 11 969    | -48,75       |
| Ativos de Reservas                | 5 093          | 9 237     | -44,87       |
| Erros e Omissões                  | 3251           | 6 857     | -52,59       |

Fonte: Banco Central do Brasil – elaboração própria<sup>6</sup>

(1) Registra créditos comerciais, empréstimos, moeda e depósitos e outros ativos.

Os ativos de reservas caíram 44,9% atingindo US\$ 5,1 bilhões em 2017. O saldo global do balanço de pagamentos foi negativo em US\$ 3,2 bilhões uma redução de 52,6% na comparação com 2016, a redução é explicada pela redução tanto do déficit em conta corrente quanto do superávit da conta capital e financeira, quando comparado com 2016. O déficit na conta corrente caiu 58,5%, enquanto que o superávit na conta capital e financeira teve uma queda de 64,4% no período analisado.

### 3.2 MERCOSUL

### Comércio

As exportações brasileiras para países do Mercosul aumentaram 43,2% no ano de 2017, em comparação com 2016, atingindo US\$ 22,6 bilhões de dólares.

As exportações brasileiras se reduziram 27% para o Uruguai, e aumentaram 58,8% para a Argentina, e 36% para o Paraguai.

Argentina, continua sendo o principal destino exportador do Brasil no Mercosul em 2017. As exportações do Brasil para a Argentina totalizaram US\$ 17,6 bilhões que representam 77,9% do total exportado pelo Brasil para o bloco.

Com relação às importações brasileiras vindas dos países pertencentes ao Mercosul, teve um aumento de 2,6% no ano de 2017 em comparação à 2016 e alcançaram US\$ 11,9 bilhões. A Argentina é o principal fornecedor intrabloco, o Brasil importou 9,43 bilhões de dólares em 2017. Esse valor representou uma elevação de 7,3%, quando comparado ao ano de 2016.

A balança comercial com o Mercosul fechou com um saldo positivo de US\$ 10,7 bilhões, superávit 108,8% maior em relação a 2016. A corrente de comércio aumentou 15,1% em 2017.

Apesar da proximidade geográfica e das relações históricas, as exportações brasileiras para o bloco representaram em 2017 10,3% do total das exportações brasileiras. O mesmo ocorre com as importações vindas do Mercosul, que representam apenas 7,8% do total importado pelo Brasil.

### 3.3 RESERVAS INTERNACIONAIS

Em 30 de dezembro de 2017, as reservas internacionais do Brasil totalizavam, pelo conceito de liquidez internacional, US\$381,97 bilhões. O risco de mercado (Value at Risk – VaR) médio dos investimentos, que agrega as componentes de juros e de moedas, em 2017, foi de 2,0% ao ano, pouco abaixo do valor observado no ano anterior. O prazo médio observado de fim de período da carteira total foi de 1,69 ano em 2017, apresentando leve queda frente a 2016, dentro da flutuação esperada.

Quanto ao risco de crédito, a distribuição média dos ativos por rating em 2017 mostra que 89% da exposição apresentam classificação de crédito “Aaa” e 8%, “Aa”.

Em 2017, o risco de liquidez, que leva em consideração a diferença de preços (spread) entre as ofertas de compra e de venda dos títulos pertencentes às carteiras de investimento, manteve-se em patamares baixos e similares aos de 2017: 0,03%, 0,12% e 0,10% para títulos soberanos, supranacionais e agências, respectivamente.

**Tabela 3.3 Fluxos das Reservas Internacionais do Brasil 2017/2016 (US\$ milhões)**

| Discriminação  | 2017      | 2016    |
|--|-----------|---------|
| Posição das reservas no período anterior               | 365 016   | 356 464 |
| 1. Intervenções do Banco Central                       | - 795     | 5 070   |
| 2. Operações externas (Banco Central e Tesouro)        | 9750,80   | 3482,54 |
| Serviço da dívida (líquido)                            | 4018,16   | 3216,63 |
| Desembolsos  | 225,94    | 221     |
| Amortizações   |           |         |
| Juros  | 3 792     | 2 996   |
| Remuneração das reservas                               | 3792,22   | 2 996   |
| Outras variações                                       | 5732,63   | 265,91  |
| Variações por preço                                    | - 1 797   | 429     |
| Variações por paridades                                | 5 787     | - 1 251 |
| Demais <sup>2/</sup>                                   | 1 743     | 1 088   |
|  |           |         |
| Variação total (1+2)                                   | 8955,80   | 8552,54 |
| Posição das reservas – conceito caixa                  | 373972,02 | 365016  |
| Saldo de linhas com recompra                           | 8 000     | 7 205   |
| Saldo de empréstimos em moeda estrangeira              |           |         |
| Posição das reservas – conceito liquidez <sup>3/</sup> | 381972    | 372221  |

Fonte: BCB

O ano de 2017 foi marcado pela aceleração da economia global, em especial nos países avançados. De fato, em 2017, consolidou-se a recuperação da economia da Zona do Euro, os EUA continuaram em sua expansão, e o Japão mostrou crescimento mais duradouro desde 1999.

**Tabela 3.4 Indicadores de Solvência Externa**

| Indicadores                                     | Indicadores |       |
|---|-------------|-------|
|   | 2017        | 2016  |
| Reservas (liquidez) / dívida total (%)          | 117,9       | 114,1 |
| Reservas / Dívida de C.P. %                     | 364,6       | 335,1 |
| Reservas (liquidez) / serviço da dívida (razão) | 3,4         | 3,1   |
| Reservas (liquidez) / juros (razão)             | 27,4        | 24,9  |

Fonte: BCB

Analisando os indicadores que avaliam a capacidade de o país honrar seus compromissos externos, percebe-se que estes têm apresentado tendência crescente em 2017. As reservas líquidas representavam 114,1% da dívida total no fechamento de 2016, aumentaram para 117,9% da dívida total. Como pode observar-se pela tabela 3.4 todos os indicadores de solvência apresentaram melhoria em relação ao ano anterior.

### 3.4 TAXAS DE CÂMBIO

#### Euro

O euro terminou 2017 cotado a R\$ 3,96, enquanto que em 2016 havia fechado em R\$ 3,43, uma depreciação do real de 15,4% espelhada na recuperação econômica na zona do euro que mostrou sinais de progresso já em 2016 quando o Conselho do BCE (Banco Central Europeu) adotou medidas para ampliar o estímulo monetário, como a redução de taxas de juros diretas, aumento do programa de compra de ativos em 33% e do lançamento de novas operações direcionadas de refinanciamento com prazo alargado.

No ano a paridade teórica dólar euro apresentou depreciação de 13,7%, fechando em US\$ 1,199, refletindo o enfraquecimento do dólar no mercado. No mercado internacional, a depreciação do dólar foi um pouco menor, 12,2% na comparação com dezembro de 2016.

O ano de 2016 começou com certas incertezas econômicas, refletindo a volatilidade do mercado financeiro, havia as chances das metas de taxas de inflação não serem atingidas e o perigo da deflação era significativo. As medidas provaram eficácia na redução da restritividade das condições financeiras e apoiaram o gradual ajustamento das taxas de inflação.

Em relação ao dólar o euro terminou 2017 cotado a US\$ 1,19, já em 2016 ficou em US\$ 1,05.

No ano de 2017 a economia da zona do euro, apresentou crescimento de 2,5%, o emprego aumentou 1,6%. Houve um crescimento do crédito ao setor privado, e a inflação permaneceu moderada.

Reduziram o ritmo das aquisições de ativos pela metade, reconhecem a necessidade de precaução com o aumento das pressões inflacionárias. A sustentabilidade da dívida das famílias e empresas foi mantida e o endividamento privado diminuiu, mesmo com a despesa privada aumentando.

Com a entrada em circulação da nova nota de €50, a segurança dos pagamentos para os cidadãos da área do euro foi melhorada, pois nesta área ainda se usa muito papel-moeda no varejo.

As exportações aumentaram apesar da apreciação da taxa de câmbio efetiva do euro, explicada pela recuperação global generalizada, principalmente para parceiros comerciais na Europa, China e Estados Unidos, enquanto que com o Reino Unido e os países da OPEP permaneceram fracas.

O consumo privado apresentou uma taxa de crescimento médio de 1,8%, o principal impulsor para isso foi a subida dos rendimentos do trabalho, incentivado pelo aumento do número de indivíduos empregados. Ocorreu um impulso no comércio de bens finais e intermediários, espelhando o crescimento ininterrupto da demanda interna.

**Tabela 3.5 Cotações Euro no Brasil e nos EUA – Janeiro/2016/Dez/2017**

|      | DÓLAR     | EURO   | Paridade<br>(dólar/euro) | NY     |        |
|------|-----------|--------|--------------------------|--------|--------|
| 2016 | Janeiro   | 4,0422 | 4,3805                   | 1,0837 | 1,0855 |
|      | Fevereiro | 3,979  | 4,3224                   | 1,0863 | 1,1092 |
|      | Março     | 3,5583 | 4,0529                   | 1,139  | 1,1134 |
|      | Abril     | 3,4502 | 3,9484                   | 1,1442 | 1,1346 |
|      | Maio      | 3,5945 | 4,0039                   | 1,1137 | 1,1312 |
|      | Junho     | 3,2092 | 3,5401                   | 1,1031 | 1,1232 |
|      | Julho     | 3,2384 | 3,6163                   | 1,1167 | 1,1055 |
|      | Agosto    | 3,2397 | 3,6103                   | 1,1144 | 1,1207 |
|      | Setembro  | 3,2456 | 3,6474                   | 1,1238 | 1,1218 |
|      | Outubro   | 3,1805 | 3,4798                   | 1,0941 | 1,1014 |
|      | Novembro  | 3,3961 | 3,5988                   | 1,0597 | 1,0792 |
|      | Dezembro  | 3,2585 | 3,4374                   | 1,0549 | 1,0545 |
| 2017 | Janeiro   | 3,1264 | 3,3743                   | 1,0793 | 1,0635 |
|      | Fevereiro | 3,0987 | 3,2741                   | 1,0566 | 1,0650 |
|      | Março     | 3,1678 | 3,3883                   | 1,0696 | 1,0691 |
|      | Abril     | 3,1978 | 3,4834                   | 1,0893 | 1,0714 |
|      | Maio      | 3,2431 | 3,6436                   | 1,1235 | 1,1050 |
|      | Junho     | 3,3076 | 3,7736                   | 1,1409 | 1,1233 |
|      | Julho     | 3,1301 | 3,701                    | 1,1824 | 1,1530 |
|      | Agosto    | 3,1465 | 3,7415                   | 1,1891 | 1,1813 |
|      | Setembro  | 3,1674 | 3,741                    | 1,1811 | 1,1960 |
|      | Outubro   | 3,2763 | 3,8126                   | 1,1637 | 1,1755 |
|      | Novembro  | 3,2610 | 3,8819                   | 1,1904 | 1,1743 |
|      | Dezembro  | 3,3074 | 3,9672                   | 1,1995 | 1,1836 |

Fonte: Banco Central do Brasil e Federal Reserve

### Dólar

A taxa de câmbio vem mantendo grande estabilidade. Isso ocorre a despeito da redução da taxa de risco país, verificada desde o início de 2016. A forte redução da taxa de juros SELIC, a partir de outubro de 2016, compensou a redução do componente de risco país, o que resultou na estabilidade da taxa de câmbio.

O dólar sofreu ajustes por conta da expectativa de elevação da taxa de juros americana em função dos riscos inflacionários da gestão de Donald Trump e pelo resultado mais fraco da atividade econômica.

A taxa de câmbio real/dólar vem mantendo uma grande estabilidade desde o final de 2016, situando-se sempre entre 3,10 R\$/US\$ e 3,30 R\$/US\$. Desde 2003, este é o mais longo período de estabilidade da taxa de câmbio. Entretanto, o risco país, medido pelo CDS (Credit Default Swaps), continua em clara trajetória de queda.

A razão para isso está na forte queda experimentada pelas taxas de juros desde o final do ano passado.

Tabela 3.6 - Evolução da taxa de câmbio nominal e real de Janeiro/2016 a Dezembro/2017

|      | Taxa de Câmbio Nominal | Varição Mensal % | Taxa de Câmbio Efetiva Real | Var. Mensal % |       |
|------|------------------------|------------------|-----------------------------|---------------|-------|
| 2016 | Janeiro                | 4,0422           | 3,53                        | 118,6         | 0,01  |
|      | Fevereiro              | 3,979            | -1,56                       | 116,4         | -1,85 |
|      | Março                  | 3,5583           | -10,57                      | 109,1         | -6,27 |
|      | Abril                  | 3,4502           | -3,04                       | 106,5         | -2,38 |
|      | Maio                   | 3,5945           | 4,18                        | 105,0         | -1,41 |
|      | Junho                  | 3,2092           | -10,72                      | 101,2         | -3,62 |
|      | Julho                  | 3,2384           | 0,91                        | 96,0          | -5,14 |
|      | Agosto                 | 3,2397           | 0,04                        | 94,8          | -1,25 |
|      | Setembro               | 3,2456           | 0,18                        | 95,6          | 0,84  |
|      | Outubro                | 3,1805           | -2,01                       | 92,7          | -3,03 |
|      | Novembr                | 3,3961           | 6,78                        | 95,6          | 3,13  |
|      | Dezembr                | 3,2585           | -4,05                       | 94,6          | -1,05 |
| 2017 | Janeiro                | 3,1264           | -4,05                       | 90            | -4,86 |
|      | Fevereiro              | 3,0987           | -0,89                       | 88,6          | -1,56 |
|      | Março                  | 3,1678           | 2,23                        | 89,2          | 0,68  |
|      | Abril                  | 3,1978           | 0,95                        | 90,4          | 1,35  |
|      | Maio                   | 3,2431           | 1,42                        | 92,6          | 2,43  |
|      | Junho                  | 3,3076           | 1,99                        | 96,1          | 3,78  |
|      | Julho                  | 3,1301           | -5,37                       | 94,5          | -1,66 |
|      | Agosto                 | 3,1465           | 0,52                        | 94,6          | 0,11  |
|      | Setembro               | 3,1674           | 0,66                        | 94,9          | 0,32  |
|      | Outubro                | 3,2763           | 3,44                        | 95,36         | 0,48  |
|      | Novembr                | 3,2610           | -0,47                       | 97,37         | 2,11  |
|      | Dezembr                | 3,3074           | 1,42                        | 98,94         | 1,61  |

Fonte: BCB, IPEA-DATA Média ano, 2010 = 100.

Apesar das expectativas indicarem que deverá haver aumento das taxas de juros, de alguma forma isso deverá ser contrabalançado pelas expectativas de elevação das taxas de juros nos mercados financeiros internacionais, mantendo relativamente constante o diferencial de juros.

O estoque de *swap* cambial encerrou o ano de 2017 com US\$ 23,8 bilhões. Em 2016, no mesmo período, o estoque era de US\$ 26,6 bilhões, caindo a necessidade de proteção contra a depreciação cambial. O aumento e a diminuição de estoque estão ligados à volatilidade da taxa de câmbio e à necessidade de *hedge* (proteção) cambial por parte dos participantes do mercado.

A taxa de câmbio se manteve praticamente estável durante 2017, fechando em R\$ 3,307 uma depreciação de 1,5% na comparação anual. A taxa de câmbio efetiva real teve uma depreciação de 4,6% em 2017.

As intervenções do Banco Central, mantiveram a moeda norte-americana estável na sua cotação ao longo do ano de 2017. Desse modo, o saldo do BC foi negativo em US\$ 8 bilhões em dezembro de 2017. A pequena depreciação da moeda nacional ao longo do ano de 2017, pode ser o resultado das intervenções do Banco Central do Brasil que atingiu um saldo de compra e venda negativo em 2017, que foi em média de US\$ -0,066 bilhões.

A posição dos bancos, que reflete as operações no mercado primário de câmbio e as operações com o Banco Central, se manteve vendida, passando de US\$ 24,541 bilhões em dezembro de 2016, para US\$ 23,3 bilhões, em dezembro de 2017. O risco-país (EMBI+) fechou o ano de 2017 nos 240 pontos. Houve melhora na classificação do risco de investimento no Brasil na comparação com 2016, quando estava em 328 pontos.

Tabela 3.7 - Mercado primário de câmbio, Janeiro 2016/Dezembro 2017 (US\$ bilhões)

|        | Movimento de Câmbio |            |       | Posição de Câmbio | Var posição | Saldo BC |
|--------|---------------------|------------|-------|-------------------|-------------|----------|
|        | Comercial           | Financeiro | Saldo |                   |             |          |
| jan/16 | 3,35                | -1,88      | 1,47  | -18,78            | -0,07       | 0,01     |
| fev/16 | 1,94                | -11,23     | -9,29 | -27,91            | 0,49        | -0,07    |
| mar/16 | 1,74                | -4,28      | -2,54 | -30,46            | 0,09        | -5,17    |
| abr/16 | 6,02                | 0,5        | 6,51  | -23,99            | -0,21       | 3,02     |
| mai/16 | 8,43                | -11,43     | -3    | -27,04            | 0,13        | 3,32     |
| jun/16 | 3,93                | -7,49      | -3,56 | -30,77            | 0,14        | -1,41    |
| jul/16 | 4,09                | -2,79      | 1,3   | -29,45            | -0,04       | 4,38     |
| ago/16 | 2,68                | -3,79      | -1,11 | -30,58            | 0,04        | 0,81     |
| set/16 | 0,79                | -6,33      | -5,54 | -35,94            | 0,18        | 0        |
| out/16 | 2,66                | 6,13       | 8,78  | -27,237           | -0,24       | -0,53    |
| nov/16 | 3,77                | 0,04       | 3,81  | -23,491           | -0,14       | 0,70     |
| dez/16 | 7,92                | -9,01      | -1,09 | -24,541           | 0,04        | 0,00     |
| jan/17 | 2,07                | 1,60       | 3,66  | -20,693           | -0,16       | 0,01     |
| fev/17 | 3,56                | -8,14      | -4,57 | -25,272           | 0,22        | 0,85     |
| mar/17 | 8,55                | -5,67      | 2,88  | -21,925           | -0,13       | 1,15     |
| abr/17 | 6,76                | 2,31       | 9,07  | -12,814           | -0,42       | 3,85     |
| mai/17 | 5,97                | -5,22      | 0,74  | -12,453           | -0,03       | 0,15     |
| jun/17 | 4,63                | -8,93      | -4,30 | -16,277           | 0,31        | 0,00     |
| jul/17 | 3,06                | -5,71      | -2,65 | -18,797           | 0,15        | 1,20     |
| ago/17 | 4,49                | -5,19      | -0,70 | -19,374           | 0,03        | 0,00     |
| set/17 | 2,61                | -0,06      | 2,55  | -16,966           | -0,12       | 0,00     |
| out/17 | 3,15                | 0,76       | 3,91  | -13,189           | -0,22       | 0,00     |
| nov/17 | 1,81                | -2,44      | -0,64 | -13,90            | 0,05        | 0,00     |
| dez/17 | 6,27                | -15,60     | -9,33 | -23,30            | 0,68        | -8,00    |

Fonte: Banco Central do Brasil.

<sup>1</sup> posição comprada (+), posição vendida (-)

<sup>2</sup> variação positiva indica aumento da posição comprada

### 3.5 PRINCIPAIS PARCEIROS

#### ARGENTINA

Após um 2016 de recessão, o ano de 2017 para a Argentina foi de retomada da atividade econômica, dados o contexto internacional adverso, poucos investimentos e inflação em alta.

O produto interno bruto da Argentina cresceu, em pesos argentinos, 2,86% de um ano para o outro. O terceiro e quarto trimestres tiveram crescimento de 3,8% e 3,9%, respectivamente.

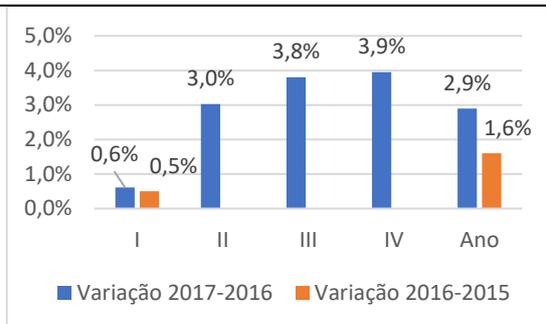


Gráfico 3.1 – Variação percentual do PIB da Argentina.

Fonte: INDEC (2017 e 2016).

\* Projeção de crescimento do PIB para 2016

A inflação segue como um dos principais problemas a serem enfrentados na economia. Mesmo com dados pouco confiáveis neste quesito e uma redução significativa do índice entre 2016 (40,9%) e 2017 (24,8%), ao final do último ano ainda ensaiou um aumento nos preços em 3,1% apesar da linha de tendência indicar algum controle.

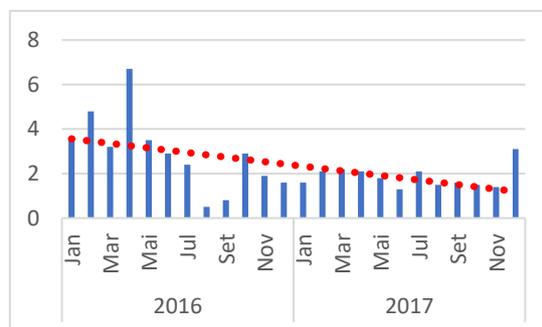
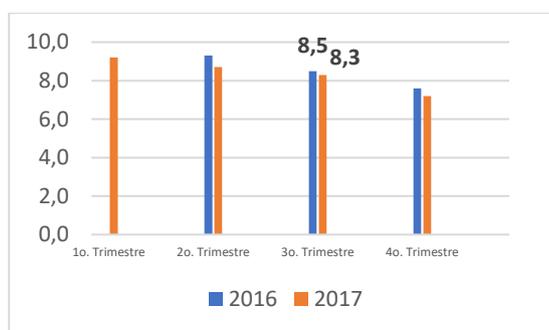


Gráfico 3.2– Variação mensal da inflação na Argentina.

Fonte: IPC Congresso a partir de consultorias privadas

Habitação, água, eletricidade, gás e outros combustíveis lideraram a alta de preços respondendo por 55,6%. A promessa de baixar rapidamente a inflação parece ter sido considerada um “excesso de otimismo. A receita do Banco Central Argentino (BCRA) de restrição monetária, elevando as taxas de juros para conter a inflação encontra resistências no próprio governo e não foi capaz de conter a alta dos preços.

Outro indicador que preocupa o governo Macri é o desemprego. No terceiro trimestre de 2017 mantinha-se em 8,3%, enquanto que no quarto trimestre o índice recuou um ponto percentual.



**Gráfico 3.3– Desemprego, Argentina.**

Fonte: INDEC (2017 e 2016).

As taxas de câmbio mantiveram-se estáveis no terceiro trimestre de 2017, oscilando na casa dos AR\$ 17,50 por dólar americano. Porém isto representou uma subida de cerca de 8,5% em relação à média do trimestre anterior e, em um comparativo com o mesmo trimestre de 2016, verifica-se um aumento relativo de 15% da taxa de câmbio média.

A tendência altista reflete a abertura às importações e, portanto, uma maior demanda relativa à oferta da moeda norte-americana, mas também a fuga de capitais, considerada por economistas no “nível mais alto dos últimos seis anos”. A crise cambial que se desenha é explicada também pela compra de dólares para proteção face à desconfiança quanto à moeda nacional. A depreciação do peso argentino implica em elevação dos preços, uma vez que ocorre uma dolarização informal da economia pois a população precifica os imóveis e realiza sua poupança utilizando-se da divisa estadunidense.

A balança comercial argentina espelha em parte (1) a abertura às importações – com eliminação de restrições e taxas protecionistas que provou aumento na entrada de veículos de outros países, e (2) do fato das exportações estarem aquém das importações pois o setor agropecuário aguarda a valorização do dólar para realizar a liquidação de contratos da safra. O contexto internacional adverso, com a crise brasileira e a desaceleração da China impactou na venda de produtos argentinos.

Os Investimentos Estrangeiros Diretos (IED) alcançaram a marca de 3,33 bilhões de pesos argentinos no terceiro trimestre de 2017, representando um significativo aumento de 277% referente ao mesmo período do ano anterior.

O desemprego manteve-se na casa dos 8%, praticamente sem variação relativa ao mesmo trimestre de 2016. Estima-se a criação de 217 mil postos de trabalho na comparação entre os dois trimestres de cada ano – mais de 50% destes na região da Grande Buenos Aires (GBA), e impulsionados por um crescimento da atividade econômica nos meses de julho (4,9%), agosto (4,3%) e setembro (3,8%) de 2017 frente ao mesmo trimestre de 2016.

## CHINA

Em 2017, a China apresentou um crescimento do PIB de 6,9%, valor maior que o crescimento de 2016 que apresentou 6,7% de expansão,

e também, maior que as expectativas do Banco Mundial e do próprio governo chinês, que previam um aumento de 6,5% para o ano de 2017.

O crescimento acima do esperado foi possível, principalmente, pelos resultados do primeiro trimestre de 2017, onde a economia chinesa apresentou uma expansão também de 6,9%. Desde 2014, foi a primeira vez que o PIB da China no primeiro trimestre de um ano apresentou melhora em relação ao último trimestre do ano anterior. Também, foi a primeira vez em sete anos que a China voltou a apresentar crescimento na taxa de produto de um ano para o outro.

**Tabela 3.8 – Variação do PIB**

| Ano ( t ) | Crescimento do Produto | Variação ( t-1 ) |
|-----------|------------------------|------------------|
| 2010      | 10,63%                 | 1,23%            |
| 2011      | 9,53%                  | -1,10%           |
| 2012      | 7,85%                  | -1,68%           |
| 2013      | 7,75%                  | -0,10%           |
| 2014      | 7,29%                  | -0,46%           |
| 2015      | 6,90%                  | -0,39%           |
| 2016      | 6,70%                  | -0,20%           |
| 2017      | 6,90%                  | 0,20%            |

Fonte: World Bank, 2018.

O bom desempenho da economia chinesa em 2017 pode ser explicado pela melhoria no setor industrial, onde a participação da indústria continuou a expansão começada em 2016; esse aumento na produção industrial levou a um aumento nos investimentos privados, principalmente nas indústrias transformadoras.

A China foi o segundo país que mais recebeu investimento estrangeiro direto (IED) em 2017, cerca de US\$ 135 bilhões, uma alta de 7,9% em relação a 2016. Foi o maior montante de IED recebido na história da economia chinesa e ficou atrás apenas dos EUA como país que mais recebeu esse tipo de investimento. Segundo o Ministério do Comércio da China, foram abertas 35.652 novas empresas estrangeiras no país em 2017, uma alta de 27,8% em relação ao período anterior.

Também, a política de reforma estrutural da economia chinesa, com intuito de desenvolver o mercado interno, parece ter surtido efeito em 2017, uma vez que houve uma expansão no consumo interno.

A política monetária adotada pelo governo chinês manteve-se praticamente constante entre 2016 e 2017. O Banco Popular da China (PBC) colocou em ação uma política monetária sólida, com instrumentos de *open Market*, mecanismos de empréstimos a médio prazo, mecanismos de liquidez temporária, entre outros mecanismos que permitiram estabilizar a liquidez da economia.

Com isso, o governo conseguiu criar um ambiente monetário e financeiro adequado para as reformas estruturais no lado da oferta colocadas em prática. A adoção de tais políticas monetárias também surtiu efeito no controle de bolhas, principalmente no setor imobiliário que teve uma forte aceleração a partir do quarto trimestre de 2016.

No ano analisado, as exportações da China totalizaram um aumento de 8,48% em relação ao ano anterior. Por sua vez, as importações registraram um montante crescente de 16,15%. Percebe-se que as importações cresceram à uma taxa superior às exportações. Com isso, houve uma redução de aproximadamente 15,08% no superávit da balança comercial chinesa, de um período para outro.

**Tabela 3.9 - Resultado da Balança Comercial da China 2016/2017 (US\$ Trilhões).**

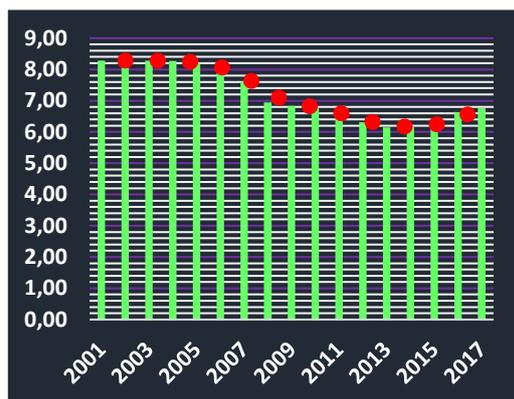
| Ano  | X    | M    | BC   |
|------|------|------|------|
| 2017 | 2,76 | 1,84 | 0,92 |
| 2016 | 2,10 | 1,59 | 0,51 |

Fonte: Trading Economics, 2018.

Devido à sólida política monetária adotada pelo PBC, o governo chinês continuou a prática de fortalecimento do Yuan frente ao Dólar Americano. Depois de alguns períodos de grande desvalorização da moeda, após dois anos o governo chinês voltou a comprar moeda estrangeira, numa tentativa de fortalecer o Yuan, com intuito de inserir essa moeda como unidade monetária base no comércio internacional. No final do período de 2017, as reservas cambiais chinesas totalizavam US\$ 3,14 trilhões, apresentando um aumento de aproximadamente 4,32% em relação ao final de 2016, onde as reservas cambiais eram de US\$ 3,01 trilhões.

Entretanto, apesar das decisões adotadas pelo PBC, a taxa de câmbio média anual foi de 6,75875 Yuans por Dólar Americano, valor 1,41% maior que a taxa média anual registrada em 2016 que era de 6,66423 Yuans. Ou seja, essa variação significa que a moeda chinesa se desvalorizou, embora a uma taxa relativamente baixa, frente à moeda norte-americana, de um período para o outro.

Essa continuidade da desvalorização do Yuan se dá pela estrutura da economia chinesa. Embora o regime de câmbio na China seja, teoricamente, considerado semi-variável - desde o abandono do regime de câmbio fixo em 2010 - o governo utiliza-se de medidas legais para controlar a taxa cambial. Isso acaba gerando críticas no mercado mundial, principalmente dos EUA e da União Europeia, que chamam de protecionista e desleal tal política, uma vez que aumenta os preços dos produtos importados pelos chineses, fortalecendo o mercado interno. Realmente, ao longo de alguns anos, o controle da taxa de câmbio permitiu à China desenvolver algumas indústrias locais, gerando impactos positivos na economia.

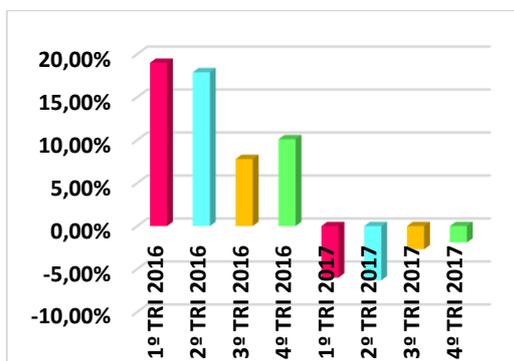


**Gráfico 3.4 – Variação Cambial Yuan/Dólar Americano 2001/2017**

Fonte: Federal Reserve Bank, 2018.

No final de 2017, a inflação média anual registrada na China foi de 1,85%, o que representou uma queda de 6,84% no avanço dos preços ao consumidor, uma vez que a inflação média anual registrada em 2016 foi de 1,98%.

Assim como em 2016, a inflação registrada em 2017 foi bem menor do que a meta estabelecida pelo governo, que era de 3% ao ano. A principal variável observada para a taxa de inflação abaixo da meta governamental foi a queda geral no preço dos alimentos. A China é o principal consumidor de alimentos do mundo, devido a sua grande população, desta forma, quaisquer variações nos preços destes têm grandes impactos para a economia. Em 2017 os preços dos alimentos caíram em aproximadamente 16,9% em relação ao ano anterior, o que fortaleceu ainda mais o consumo das famílias.



**Gráfico 3.5: Variação dos Preços de Alimentos 2016/2017**

Fonte: National Bureau of Statistics of China, 2018.

Apesar de ser uma grande importadora de alimentos, a China também possui uma enorme matriz produtiva no setor agropecuário. Atualmente, a nação é líder mundial na produção de arroz, batata e chá. Também, tem grande participação na produção mundial de milho, trigo, ovinos e suínos. Por outro lado, é a nação que mais consome soja no mundo – tanto para consumo humano, quanto para

alimentação animal - absorvendo mais da metade de toda a produção mundial.

Depois de apresentar uma redução de 310 mil hectares de área de grãos plantada em 2016, em 2017 houve uma nova queda, com redução de 817 mil hectares. Entretanto, a produtividade das plantações aumentou, o que permitiu uma alta de 0,3% na produção de grãos em relação ao ano anterior, registrando cerca de 617,9 milhões de toneladas, a segunda maior produção da história para o país.

Diferentemente de 2016, o ano de 2017 foi considerado um bom ano para a economia chinesa, não só pelo fato do produto ter apresentado crescimento além do esperado, mas também pela recuperação de setores-chaves, principalmente o setor de serviços, a indústria e também pela melhora no consumo interno.

A renda disponível per capita da China teve aumento de 7,3% comparada ao período anterior, desta forma, o consumo das famílias foi responsável por 58,8% do crescimento econômico da China em 2017, acrescido principalmente pelas vendas varejistas, que apresentaram alta de 10,2% em relação a 2016, segundo o National Bureau of Statistics of China (NBS). O setor de serviços, por sua vez, apresentou expansão de 8,2% na comparação ano a ano.

Embora os investimentos tenham crescido em um ritmo menor em 2017, comparado a 2016, houve uma expansão no montante investido em ativos fixos de 7,2%, registrando US\$ 9,8 trilhões, o que representa aproximadamente 81,86% do produto interno bruto chinês. Os setores que mais receberam investimentos diretos foram os de alta tecnologia e fabricação de máquinas, com aumento em 17% e 8,6% respectivamente, de um ano para outro. A indústria primária obteve ganhos de investimentos de 11,8%; a indústria secundária apresentou alta de 3,2%; e a indústria terciária apresentou crescimento no nível de investimentos na casa dos 9,5%.

Grande parte dos investimentos na China se deu via empresas estatais, que representaram aproximadamente 36,87% do montante total, mostrando mais uma vez a forte interferência que o governo chinês exerce na economia do país. Com isso, a dívida pública ficou em torno de 18,6% do PIB, contra um valor de 16,1% no ano anterior.

A dívida externa também aumentou percentualmente em relação ao PIB, indo de 12,65% em 2016 para 13,97% em 2017. Embora a dívida externa chinesa esteja em uma tendência de crescimento, a maior parte da dívida é emitida em moeda local e muitas vezes são mantidas por empresas estatais, o que acaba diminuindo os riscos de inadimplência.

## Relação Bilateral: China x Brasil

No contexto atual a China é o segundo maior investidor estrangeiro da economia brasileira. No comércio, além de ser a maior compradora dos

produtos brasileiros, agora, também é a principal fornecedora de produtos para o Brasil, desbancando os EUA. Em 2012, os dois países assinaram o Plano Decenal de Cooperação entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República Popular da China, um plano com duração prevista entre 2012 à 2021, cujos objetivos são assinalar as áreas prioritárias e os projetos-chaves em ciência e tecnologia e inovação; cooperação econômica; e intercâmbio entre os povos de ambos os lados.

Além dos grandes investimentos feitos pela China no Brasil, principalmente no setor de energia, as relações comerciais entre os dois países são fortemente concentradas, do lado chinês, pela grande importação de commodities, principalmente soja, petróleo e minério de ferro; e pelo lado brasileiro, pela importação de produtos eletrônicos.

Em 2017, a China importou do Brasil um montante de aproximadamente US\$ 47,49 bilhões, o que representou um aumento de 35,14% em relação a 2016, onde o país asiático havia importado cerca de US\$ 35,14 bilhões do Brasil. Esse aumento significativo de importação de produtos brasileiros pela China é explicado, principalmente, pela queda nos preços das commodities no mercado internacional. Lembrando que as commodities representam a grande maioria dos produtos adquiridos pelo país asiático do Brasil.

Por outro lado, a China exportou para o Brasil aproximadamente US\$ 27,33 bilhões em 2017, contra aproximadamente US\$ 23,36 bilhões em 2016, um aumento de 17% na comparação entre os períodos. A melhora nas expectativas e no desempenho da economia brasileira, além da queda nos preços de produtos eletrônicos, foram as principais características que explicam esse aumento nas importações brasileiras de produtos chineses.

**Tabela 3.10: Balança Comercial China x Brasil FOB (US\$ bilhões)**

| Ano  | X     | M     | BC      |
|------|-------|-------|---------|
| 2017 | 27,33 | 47,49 | (20,16) |
| 2016 | 23,36 | 35,14 | (11,78) |

Fonte: MDIC, 2018.

Diante dos dados apresentados, percebe-se que houve um aumento no déficit comercial da China em relação ao Brasil. Enquanto o déficit foi de aproximadamente US\$ 11,78 bilhões em 2016, em 2017 esse valor subiu para aproximadamente US\$ 20,16 bilhões, um aumento de 71,13%. Isso ajuda a explicar o porquê da China ter se tornado em 2017 o principal parceiro econômico do Brasil.

Para se ter ideia do tamanho da importância das exportações de commodities brasileiras para a China, os cinco produtos mais importados do Brasil pela China em 2017 foram, em ordem decrescente, a soja; minérios de ferro e seus concentrados; óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos; pastas químicas de madeira; e carne bovina congelada;

representaram cerca de 86,61% de todo o total exportado do Brasil para a China.

**Tabela 3.1.1: Principais Produtos exportação do Brasil Para China em 2017**

| Cód.         | Descrição   | US\$ FOB         | %no          |
|--------------|---|------------------|--------------|
| 1201         | Soja  | 20,310 bi        | 42,77        |
| 2601         | Minérios de Ferro e Seus Concentrados               | 10,393 bi        | 21,88        |
| 2709         | Óleos Brutos de Petróleo ou de Minerais Betuminosos | 7,351 bi         | 15,48        |
| 4703         | Pastas Químicas de Madeira                          | 2,147 bi         | 4,52         |
| 0202         | Carne Bovina Congelada                              | 928,89 mi        | 1,98         |
| <b>Total</b> |   | <b>41,130 bi</b> | <b>86,61</b> |

Fonte: MDIC, 2018.

Por outro lado, ao analisar os cinco principais produtos exportados da China para o Brasil em 2017, a participação dos mesmos é de aproximadamente 20,30% do total entre os dois países. Assim, é possível afirmar que o mercado de exportações da China para o Brasil é mais dinâmico do que o mercado de importações entre eles.

No que se refere aos investimentos entre os países, em 2017 o Brasil enviou para a China um montante de aproximadamente US\$ 3,0 milhões em IED, o que representa uma queda acentuada na casa dos 85%, uma vez que em 2016 o Brasil havia investido US\$ 20 milhões. Em contrapartida, pelo critério de investidor imediato, onde são considerados investimentos advindos do país de domicílio de empresas não residentes que investiram diretamente na subsidiária ou filial no Brasil, em 2017 o Brasil recebeu um montante de US\$ 643 milhões em IED da China, valor 26,85% menor do que o registrado em 2016.

Em outra perspectiva, pelo critério de país controlador, onde são considerados os investimentos do país que possui o efetivo controle das empresas, a China enviou para o Brasil um montante recorde em IED, cerca de US\$ 10,9 bilhões, o que representa um aumento de 159,52%, ante os US\$ 4,2 bilhões enviados em 2016. Conforme citado anteriormente, o setor de energia é o principal destino dos investimentos chineses no Brasil, recebendo cerca

de um terço de todo o montante. Outras áreas importantes, com menor participação, são: atividades financeiras; extração de petróleo e gás; fabricação de produtos químicos; fabricação de máquinas e equipamentos.

A maior parte dos investimentos chineses no Brasil se caracterizam por fusões e aquisições e não na planta produtiva do país, o que pode acabar diminuindo os benefícios dos investimentos, uma vez que estes não estão necessariamente ampliando a capacidade produtiva, já que estão adquirindo empresas já instaladas. Em 2017 o valor em aquisições chinesas no Brasil foi de US\$ 10,68 bilhões, contra US\$ 11,92 bilhões em 2016. Apesar de ter havido uma diminuição de um ano para outro, de 10,40%, a participação total da China nas aquisições de empresas brasileiras cresceu, passando de 32,57% em 2016 para 35,06% no ano seguinte.

Além de realizar grandes investimentos no Brasil, A China também é uma grande financiadora da economia brasileira, assim como da economia latino-americana. Em 2017, dos aproximados US\$ 9 bilhões emprestados da China para a América Latina, cerca de US\$ 5,3 bilhões, ou seja 58,9%, foram para o Brasil. A grande maioria desse valor foi absorvido pela Petrobras, que recebeu em 2017 cerca de US\$ 5 bilhões, na tentativa de melhorar o perfil do seu endividamento.

## Referências Bibliográficas

**BACEN:** Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/htms/Infecon/SeriehistFluxoInvDir.asp>>.

**BAUMANN, Renato.** Presença da China: Brasil e América do Sul. SEAIN/MP e UnB. Disponível em: <[http://www.funag.gov.br/ipri/images/Dialogos\\_internacionais/20180320\\_ppt\\_Baumann.pdf](http://www.funag.gov.br/ipri/images/Dialogos_internacionais/20180320_ppt_Baumann.pdf)>. Acesso em: 03/05/2018 às 14:00 horas.

**FEDERAL RESERVE BANK:** Disponível em: <[https://www.federalreserve.gov/releases/h10/hist/dat00\\_ch.htm](https://www.federalreserve.gov/releases/h10/hist/dat00_ch.htm)>.

**HORA DO POVO:** Disponível em: <<http://horadopovo.org.br/author/horadopovo/>>. Acesso em 27/04/2018 às 10:00 horas.

**MDIC:** Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/comercio-Exterior>>.

**MINISTRY OF AGRICULTURE OF CHINA:** Disponível em: <<http://english.agri.gov.cn/service/ayb/>>

**NATIONAL BUREAU OF STATISTICS OF CHINA:** Disponível em:

<<https://www.quandl.com/data/NBSC-National-Bureau-of-Statistics-of-China>>.

**RIBEIRO, Mariana; SABINO, Marlla. Nos Últimos Anos, Brasil Se Tornou O Principal Beneficiário Dos Empréstimos Chineses.** Poder 360. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/internacional/desde-2005-china-emprestou-us-150-bilhoes-a-america-latina/>>. Acesso em: 03/05/2018 às 15:00 horas.

**SANTANDER:** Disponível em: <<https://pt.portal.santandertrade.com/internacionalize-se/china/fluxos-de-ied-2>>.

**The People's Bank of China:** Disponível em: <<http://www.pbc.gov.cn/english/130727/index.html>>.

**TRADING ECONOMICS:** Disponível em: <<https://tradingeconomics.com/china/indicators>>.

**UNCTAD:** Disponível em: <<http://unctad.org/en/Pages/Home.aspx>>.

**Valor Econômico:** Disponível em: <<http://www.valor.com.br/brasil/5237373/chineses-avancam-na-factia-de-fusoes-e-aquisicoes-estrangeiras-no-pais>>.

**World Bank:** Disponível em: <[https://data.worldbank.org/indicador/BX.KLT.DINV.CD.WD?name\\_desc=false&view=chart](https://data.worldbank.org/indicador/BX.KLT.DINV.CD.WD?name_desc=false&view=chart)>.

**PRICESTATS. Taxa de inflação argentina mensal.** Disponível em: <<http://www.pricestats.com/inflation-series?chart=1837>  
<<http://unstats.un.org/unsd/cr/registry/regcst.asp?Cl=14&Top=1&Lg=3>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

**SISTEMA INTERATIVO GRÁFICO DE DADOS DE COMÉRCIO INTERNACIONAL (SIGCI/CEPAL). Exportações e importações, agregadas e desagregadas por país e bloco.** Disponível em: <<http://www.cepal.org/comercio/ecdata2/http://unstats.un.org/unsd/cr/registry/regcst.asp?Cl=14&Top=1&Lg=3>>. Acesso em: 15 jul. 2016

**TRADING ECONOMICS. Indicadores econômicos.** Disponível em: <<http://pt.tradingeconomics.com/argentina/indicators>  
<<http://unstats.un.org/unsd/cr/registry/regcst.asp?Cl=14&Top=1&Lg=3>>. Acesso em: 17 jul. 2016.

**VALOR. Real-tem-segunda-maior-perda-no-mundo-ante-o-dolar-em-2015.** Disponível em <http://www.valor.com.br/financas/4374692/real-tem-segunda-maior-perda-no-mundo-ante-o-dolar-em-2015>